



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST 6 – SOCIOLOGIA DO DESPORTO

O DETERMINISMO CULTURAL NA PRÁTICA ESPORTIVA: ESTUDO DOS CASOS DO FUTEBOL NO BRASIL E DO RÚGBI NA NOVA ZELÂNDIA

ROCCO JR, Ary José

Doutor em Comunicação e Semiótica

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE/USP)

aryrocco@usp.br / aryrocco@terra.com.br

Resumo

O Brasil é aclamado como o “país do futebol”. Tal reconhecimento ocorre, primordialmente, pelos excelentes resultados obtidos pelas seleções brasileiras de futebol nas Copas do Mundo. A forma dos brasileiros praticarem o esporte futebol é admirada mundialmente pela habilidade de seus jogadores e pela beleza plástica com que suas equipes atuam. A Nova Zelândia é reconhecida pela excelência de sua seleção de rúgbi, os *All Blacks*. Em sete disputas da Copa do Mundo do esporte, a seleção neozelandesa conquistou o título em duas oportunidades. A mítica dos *All Blacks* consagrou a Nova Zelândia como o principal país do esporte. O objetivo deste trabalho é analisar, de forma superficial, as relações existentes entre a formação cultural do brasileiro e do neozelandês com o sucesso obtido pelo futebol, no Brasil, e o rúgbi, na Nova Zelândia. É nossa intenção comprovar que os aspectos culturais são fundamentais para que, na prática desses esportes, os brasileiros tenham sucesso no futebol e os neozelandeses no rúgbi. Tal suspeita se baseia em T. S. Eliot que afirma que “a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo”. A educação, para Eliot, funciona como elemento propagador da cultura. É a relação – formação cultural x prática esportiva – que pretendemos investigar através do estudo dos casos Brasil-futebol e Nova Zelândia-rugbi.

Abstract

Brazil is hailed as the "football country". This recognition occurs primarily by the excellent results obtained by the Brazilian football teams in the World Cup. How to practice the sport of Brazilian football is admired worldwide for the ability of his players and the plastic beauty with their teams operate. New Zealand is recognized for excellence in their selection of rugby, the All Blacks. In seven contests of the World Cup the sport, selecting New Zealand won the title on two occasions. The legendary All Blacks of New Zealand established the country as a major sport. The objective of this study is to analyze, in a superficial way, the relationship between the cultural formation of Brazil and New Zealand with the success of football in Brazil, and rugby in New Zealand. We intend to prove that cultural aspects are fundamental to that in practice these sports, Brazilians have success in soccer and rugby in New Zealand. This suspicion is based on T. S. Eliot says that "the culture of the individual depends on the culture of a group or class, and culture of the group or class, and culture of the group or class depends on the culture of the society they belong to this group." Education, for Eliot, works as an element of culture propagator. It is the relationship - cultural x sports training - we want to investigate through the study of cases- Brazil football and rugby, New Zealand.

Palavras-chave: Rugbi, Futebol, Determinismo Cultural, All Blacks e Copa do Mundo.
Keywords: Rugby, Soccer, Cultural Determinism, All Blacks and World Cup.

PAP0913

Introdução

Nenhuma outra forma de cultura popular motiva uma paixão tão ampla e participativa entre praticantes, torcedores e adeptos, como as atividades esportivas. Sem dúvida alguma, o esporte é, hoje, um dos aspectos da cultura que mais interfere na vida social das pessoas e na formação da própria cultura de um país.

A difusão do esporte pelo mundo possibilitou que diferentes culturas e nações construíssem formas particulares de identidade por meio de sua interpretação e forma de praticar diferentes modalidades esportivas.

O Brasil, por exemplo, é reconhecido em todo o mundo como o “país do futebol”. Tal reconhecimento ocorre, primordialmente, pelos excelentes resultados obtidos pelas seleções brasileiras de futebol nas Copas do Mundo de 1958, 62, 70, 94 e 2002. Além do sucesso representado por essas conquistas, a forma dos brasileiros praticarem a modalidade futebol é admirada mundialmente pela habilidade de seus jogadores e pela beleza plástica com que suas equipes praticam o esporte.

A Nova Zelândia, por outro lado, é admirada universalmente pela excelência de sua seleção nacional de rúgbi, os *All Blacks*. Em sete disputas da Copa do Mundo do esporte, a seleção neozelandesa conquistou o título em duas oportunidades (1987 e 2011). Muito mais do que os triunfos obtidos, a mítica dos *All Blacks* consagrou a Nova Zelândia como o principal país do esporte.

O surgimento do esporte moderno, como um jogo e sua importância na formação da cultura de diferentes países, está relacionado ao desenvolvimento da vida em sociedade e ao nascimento de agrupamentos urbanos nas cidades que começavam a se formar dentro do processo de industrialização que teve origem na Grã-Bretanha pós-Revolução Industrial.

Frutos de uma mesma origem histórica em seu nascimento, na Inglaterra do século XIX, o futebol e o rúgbi, por razões culturais próprias, tiveram percursos distintos em antigos países coloniais, no caso do nosso trabalho, o Brasil e a Nova Zelândia.

O objetivo deste artigo é analisar, de forma embrionária e superficial, as relações existentes entre a formação cultural do brasileiro e do neozelandês com o sucesso obtido pelo futebol, no Brasil, e o rúgbi, na Nova Zelândia. É nossa intenção comprovar que os aspectos culturais são fundamentais para que, na prática desses esportes, os brasileiros tenham sucesso no futebol e os neozelandeses no rúgbi.

Tal suspeita se baseia nas ideias de T. S. Eliot (1988, p.33) que afirma que “a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe”. Em função do exposto acima, pretendemos mostrar que, na formação cultural dos brasileiros e dos neozelandeses, estão presentes elementos que, no caso brasileiro favorecem a prática do esporte futebol; e, no caso neozelandês, estimulam o jogo esportivo e as características do rúgbi enquanto esporte.

A educação, segundo Eliot (1988, p.34), funciona como o elemento propagador da cultura. Cultura que se compõe de vários elementos e, no entender do autor, “vai da habilidade rudimentar e do conhecimento à interpretação do universo e do homem pela qual vive a comunidade”. Determinadas modalidades esportivas, por suas características peculiares, se adaptam melhor à formação cultural de sociedades peculiares. É essa relação – formação cultural x prática esportiva – que pretendemos investigar através do estudo dos casos Brasil-futebol e Nova Zelândia-rugbi.

1. A constituição do Esporte Moderno e a questão da identidade cultural

A constituição do rúgbi e do futebol – como esportes modernos – esteve estreitamente ligada, tanto no Brasil quanto na Nova Zelândia e na Europa, à industrialização e ao surgimento das grandes cidades. O esporte, como uma necessidade de aproveitamento esportivo nas horas livres, não pode ser desvinculado das condições históricas que marcaram o fim do século XIX e o início do século XX. É somente nas primeiras décadas do século XX que começa a popularização do esporte.

Mesmo antes da constituição moderna do esporte, fato motivado pelas consequências de uma renovação técnica, a Revolução Industrial, com a consequente movimentação das pessoas do ambiente rural para o meio urbano, o esporte “primitivo” já apresentava um caráter comunitário. Richard Giulianotti (1999, p.15), por exemplo, cita como uma das formas ancestrais do futebol, por exemplo, o *pasuckquakkohowog*, praticado pelos povos indígenas que habitavam a América do Norte, quando alguns peregrinos europeus chegaram na região, no início do século XVII. A complexa palavra, utilizada pelas comunidades locais para definir o jogo de bola, pode ser traduzida como “eles se juntam para jogar futebol” (Foulds e Harris apud. Giulianotti, Ibidem).

Todas as iniciativas de prática de algum tipo de atividade que pudesse se assemelhar ao futebol ou o rugby, como hoje os conhecemos, eram caracterizadas, antes da Revolução Industrial, pela desorganização com que eram praticadas e pela ausência quase que total de regras que balizassem a conduta de seus praticantes.

O futebol ‘primitivo’, por exemplo, pode ser considerado particularmente violento e ‘não-civilizado’ se comparado ao jogo moderno (Elias e Dunning apud. Giulianotti, 1999, p.17). Nos séculos XIII e XIV, era comum os jogadores carregarem punhais, que causavam ferimentos sérios, tanto acidental quanto intencionalmente (Birley apud. Giulianotti, Ibidem). Pontapés na canela, socos e lutas diversas eram comuns entre jogadores rivais para vingar agravos antigos; ossos quebrados, ferimentos graves e mortes eram consequências esperadas (Elias e Dunning apud. Giulianotti, Ibidem). O jogo não tinha também organização relativa à posição de cada jogador ou esquema tático (Giulianotti, Ibidem).

Outras formas de prática do futebol “primitivo”, como o hurlingⁱ, existente na Grã-Bretanha medieval, ou o quico del calcioⁱⁱ, praticado em Bologna e Florença, na época do Renascimento italiano, começaram, timidamente, a introduzir no jogo alguns aspectos que, no futuro, iriam caracterizar o futebol moderno, como, por exemplo, a distribuição de tarefas dentro de uma equipe e alguns princípios táticos. Começava a se esboçar o surgimento de um jogo coletivo.

Todas essas variações do jogo de futebol existentes na Europa medieval, apresentavam, na opinião de Nibert Elias e Eric Dunning, forte caráter comunitário e semelhanças muito profundas.

Comunidades rurales de todo el mundo han recurrido a este invento para proporcionarse diversión. Su uso está registrado ciertamente em casi toda la Europa medieval. (...) Pero no hay razones para suponer que el fútbol medieval sólo era impulsionado com los pies ni, igualmente, que el ‘balonmano’ lo fuese sólo con la mano. Insisto: la razón principal de tales diferencias em los nombres de estos juegos quizá se deba simplemente al hecho de que se jugaban con pelotas distintas em forma y tamaño, o con palos u otros instrumentos parecidos (Dunning e Elias, 1995, p.223).

Richard Giulianotti (1999, p.17) chama a atenção para o fato de que

(...) os sociólogos que seguem a linha de Durkheim argumentam que o futebol ‘primitivo’ funcionava para manter a ordem social e integrar os indivíduos no âmbito local. Da mesma maneira que muitos carnavais, esses jogos de futebol promoviam a ordem social a longo prazo, dando maturidade aos jovens. (...) De modo geral, o futebol alimentava um forte sentimento de solidariedade social. Os jogos eram realizados paróquia contra paróquia, uma parte da cidade contra a outra, solteiros contra casados, mulheres casadas contra mulheres solteiras, escola contra escola, ou cidade contra campo (Magoun apud. Giulianotti, Ibidem).

Com a Revolução Industrial, ocorrida a partir de meados do século XVIII, algumas modificações começaram a ocorrer nos meios de produção, com o desenvolvimento tecnológico, que provocaram uma profunda modificação nos modelos econômicos e sociais de sobrevivência humanos conhecidos até então. O modelo feudal, essencialmente agrário – e que caracterizou o período medieval – começou a entrar em decadência, perdendo espaço, paulatinamente, para o modelo industrial – primeiramente em nível local, regional, e, depois, internacional, em larga escala.

O rápido crescimento da população no continente europeu e nas colônias, principalmente entre 1800 e 1850, fizeram com que, também, em outros países da Europa, se construísse um clima favorável à proliferação industrial.

A crescente urbanização acabou, então, por demandar uma maior racionalização na gestão do espaço público, com um maior controle das atividades das pessoas que compartilhavam esse espaço. Toda essa racionalização, que embutia, dentro de si, a questão do controle social, foi fundamental para que o esporte, em especial os jogos de futebol e de rugby, aquele dito “esporte primitivo”, se transformasse naquilo que, hoje, denominamos de esporte moderno. Nesse processo, é de particular importância a adoção do “jogo de bola” nas *public schools* da Grã-Bretanha.

La relajación progresiva de los vínculos, que aseguraba la cohesión de las comunidades tradicionales a fines del siglo XVIII y a comienzos del XIX, tiene como consecuencia la formación de nuevas relaciones sociales que ya no integran los antiguos juegos de pelota y que así provocan su regresión general. Aun así, en Inglaterra se mantienen gracias a su adopción por parte de los alumnos procedentes de las capas acomodadas que frecuentaban las public schools. El juego de pelota se convierte en un entretenimiento organizado (...). En un primer período y hasta alrededor de 1830, los juegos de pelota conservan sus características originales en los colegios: organización difusa, informal, práctica con reglas no escritas, cambiantes y evolutivas. Cada institución construye su propia tradición. (...) Así, el papel de la comunidad es tal que el individuo no destaca. (Wahl, 1997, p.15-16).

As novas relações que se estabelecem na Inglaterra pós-Revolução Industrial passam a modelar novos padrões de comportamento, nem sempre bem-vistos pela nova oligarquia que emergiu com os novos padrões tecnológicos. O esporte passou a ser entendido, neste sentido, como uma forma de padronização disciplinar do comportamento das massas.

A partir de 1830, y bajo la influencia de la industrialización de Inglaterra, se desarrolla un proceso de cambio en las public schools, que se acompaña de una transformación decisiva en la práctica del juego de pelota. La estabilidad de la sociedad se tambalea debido a la ascensión de la burguesía. Ésta consigue extender su control a los colegios, que sufren grandes cambios encaminados a restaurar de los maestros a costa del sistema en vigor entre los alumnos. A partir de ese momento empiezan a remitir las novatadas y se codifican las relaciones entre los alumnos, con lo que los colegios experimentan una pacificación. (...) Esta pacificación favorece la aparición de un juego fundamentado en reglas precisas, puestas por escrito, de un juego menos brutal y que implica el control sobre sí mismo indicado para forjar el carácter. (...) Este es el fútbol moderno (Ibidem: 16).

As *public schools* inglesas começam, então, a incentivar o confronto entre estudantes de colégios rivais. As partidas entre escolas diferentes, com regras codificadas de distintas formas, criaram a necessidade de uma unificação das normas do jogo de futebol. Em 1877, essa unificação finalmente acontece, motivada pela criação, em 1871, da FA Cup, competição entre agremiações mais antiga do planeta. Nasce o futebol associado, que iria, através de imigrantes ingleses, espalhar o esporte pelo mundo. O rúgbi, como uma variação do futebol, percorreu trajetória cultural e social semelhante..

Pierre Bourdieu não acredita que foi por acaso que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas *public schools* inglesas, reservadas às e “elites” da sociedade burguesa. Para o sociólogo, foi no espaço das grandes escolas que os “filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função” (Bourdieu, 1983, p.139).

Porém, as condições para o desenvolvimento do futebol, como esporte moderno, como nos relata Huizinga (2000, p.219), não foram encontradas somente nas *public schools* da Grã-Bretanha. Analisando a transição do divertimento ocasional, provocado pelo jogo de bola medieval, para a existência dos clubes e da competição organizada, o pesquisador aponta para o fato de que

(...) os grandes jogos de bola exigem a existência de equipes permanentes, o que constitui o ponto de partida do esporte moderno. O processo se desenvolve espontaneamente nos encontros entre aldeias ou escolas diferentes, ou entre dois bairros de uma mesma cidade etc. É compreensível até certo ponto que o processo se tenha iniciado na Inglaterra do século XIX. (...) Não há dúvida que a estrutura da vida social inglesa lhe foi altamente favorável, com os governos locais autônomos encorajando o espírito de associação e de solidariedade. (...) As formas de organização escolar agiam no mesmo sentido, e finalmente a geografia do país e a natureza do terreno, predominantemente plano e oferecendo em toda a

parte os melhores campos de jogo nos prados comunitários, os commons, também tiveram a maior importância. Foi assim que a Inglaterra se tornou o berço e o centro da moderna vida esportiva.

A normatização das regras e das condutas dos atletas em uma partida de futebol ou rugby foi fundamental, no entender de Norbert Elias e Eric Dunning (1995) para que a cooperação entre os atletas e as equipes adversárias, e a tensão entre elas provocada pela partida, fosse efetivamente controlada.

En el fútbol, la cooperación presupone tensión y la tensión, cooperación. (...) El estudio del desarrollo del fútbol a largo plazo nos permitió, de hecho, ver en un campo limitado un aspecto del juego recíproco entre tensión y control de la tensión, sin el cual no puede entenderse a plenitud la relevancia de los juegos deportivos como modelo teórico. Ese estudio mostró cómo las tensiones que en un tiempo estaban fuera de control y que probablemente eran incontrolables, fueran sometidas gradualmente (Dunning e Elias, 1995, p.237).

Com a efetiva organização do futebol, por exemplo, em torno de uma entidade coordenadora, a FA, o esporte passou a ser, ao longo de cada temporada, programado, com uma tabela de jogos onde, ao final de um período, seria conhecida a equipe campeã. Essa forma de disputa, agora conhecida, iria provocar uma série de modificações na estrutura das agremiações que participavam dos torneios arquitetados pela FA e, por que não dizer, na própria cultura daquilo que, hoje, conhecemos como futebol moderno.

Como relata Sevechenko (1994, p.35),

(...) cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período (década de 1880) em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um remoinho, um cataclisma de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Era assim quando se enfrentavam, por exemplo, o Manchester United e o Manchester City; o Nottingham Forest e o Nottingham County; o Glasgow Celtics e o Glasgow Rangers; ou em Londres, qualquer partida em que se confrontassem os arqui-rivais Arsenal, Chelsea e Crystal Palace.

Percebe-se, assim, que o futebol moderno, e depois o rúgbi, que começavam a despontar, começaram a funcionar como importantes catalisadores de diferentes identidades que passaram, de certa forma, a se agrupar em torno das agremiações que começavam a surgir no final do século XIX. Cada um desses clubes esportivos passou a representar uma determinada comunidade, com características próprias e elementos de identificação peculiares.

O esporte moderno apresentou, então, desde o seu surgimento, um forte apelo de identificação comunitária. Espelhando grupos sociais em disputa, de forma ordenada e controlada, com outros grupos sociais, o futebol, por exemplo, rapidamente ganhou as massas, que viam na vitória da equipe que representava sua comunidade, uma forma de superioridade dentro do conturbado cenário social da Inglaterra pós-Revolução Industrial. Richard Giulianotti (1999, p.28), ao analisar as rivalidades municipais no cenário atual do século XXI, chama a atenção para o fato de que “enquanto o principal clube (da cidade) transforma-se em uma instituição orgânica moderna, seu rival menor procura manter a superioridade ideológica em sua comunidade (gemeinschaften) de torcedores”. Esse caráter comunitário, de uma forma geral, e essa contradição entre os clubes globais e locais, em específico, irá aparecer, de forma muito clara, no desenvolvimento do rúgbi na Nova Zelândia e do futebol no Brasil.

A idéia da tensão também está presente na obra *Los juegos y los hombres*, de Roger Caillois. Tentando desenvolver uma sociologia a partir dos jogos, Caillois (1994, p.83-84), também aponta, ao descrever uma “tensão compartilhada”, para o caráter comunitário da prática dos jogos em sua forma social.

Por lo general, los juegos no alcanzan su plenitud sino en el momento en que suscitan una resonancia cómplice. Incluso cuando, en principio, los jugadores podrían sin ningún inconveniente entregarse a ellos aisladamente y cada cual por su lado, los juegos pronto se constituyen en pretextos de concurso o de espectáculos. (...) En efecto, la mayor parte de ellos aparecen como (...) efervescencia o tensión compartida. (...) Es posible que ninguna de las categorías de juegos se libre de esa ley.

O esporte funciona, então, como um catalisador de tensões. Essa ideia ajudará a entender o sucesso do rúgbi na Nova Zelândia e o forte apelo popular do futebol no Brasil. O papel do esporte, dentro desse processo,

pode ser entendido através da instituição de um sistema formal de disputa, entre antagonistas, que ele congrega.

O artifício informal básico para a estratificação (social) de um sistema teoricamente aberto e em expansão, como acontecia nos países coloniais, era a escolha individual de parceiros sociais aceitáveis, o que era conseguido acima de tudo através da velha adesão da aristocracia local ao esporte, transformado num sistema de disputas formais contra antagonistas considerados à altura em termos sociais.

Ao analisar os esportes, dentro do cenário social da Europa, depois de 1870, Hobsbawn e Ranger (2002) apresentam três aspectos fundamentais em seu papel de consolidação de algumas identidades comunitárias do período.

A história social dos esportes das classes altas e médias ainda está para ser escrita, mas podem-se deduzir três coisas. Em primeiro lugar, que as últimas três décadas do século XIX assinalaram uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. Em segundo lugar, tal institucionalização constituiu uma vitrina e a exposição para o esporte, que se pode comparar (sem muito rigor, naturalmente) à moda dos edifícios públicos e estátuas na política, e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das 'classes médias'. (...) Em terceiro lugar, a institucionalização constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de status social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos (Hobsbawn e Ranger, 2002, p.306-307).

Os vínculos orgânicos sociais e econômicos, inexistentes para a nascente “classe média” britânica, iriam se constituir, não só, mas prioritariamente, através das entidades esportivas, como clubes ou agremiações destinadas à prática do esporte, criando laços de identidade que, até então, não eram percebidos. Esse fato pode ser percebido, por diferentes motivos, no Brasil e na Nova Zelândia.

2. O rúgbi na Nova Zelândia e o futebol no Brasil

A Nova Zelândia está situada a cerca de 2 000 km a sudeste da Austrália, separados através do mar da Tasmânia e os seus vizinhos mais próximos ao norte são a Nova Caledônia, Fiji e Tonga. Tudo isso tornou o país um dos mais isolados do mundo. A maioria da população neozelandesa é de ascendência europeia. Os nativos Maoris, primeiros humanos a chegarem ao país, são minoria.

Os Maoris chegaram ao país bem antes de 1642, quando o navegador holandês Abel Tasman, que viajava à oeste da ilha, viu terra. Quando Tasman e sua tripulação iam desembarcar no território recém-descoberto, foram atacados pelos Maoris. Os holandeses foram obrigados a fugir e, somente mais de 100 anos depois, em 1769, é que o navegador britânico James Cook conseguiu desembarcar na ilha. Em 1830 já havia uma grande quantidade de imigrantes europeus na Nova Zelândia, atingindo a cifra de 2000 habitantes. Alguns eram escravizados pela população local, enquanto outros chegavam a conquistar posições como a de orientadores de elite, e outros estrangeiros assumiam a identidade Maori.

O povo Maori viveu, na sua colonização, uma grande diferença em relação a outros povos colonizados no passado, como o Índio Brasileiro ou Americano ou o Aborígine Australiano. Esses foram massacrados e obrigados a seguir as regras do colonizador. No caso Maori, não houve colonização passiva, pois eles respondiam a qualquer invasor com ferrenha resistência, travando tantas sangrentas batalhas, que muitas vezes levaram o inimigo a fugir ou parar na mesa de jantarⁱⁱⁱ.

Por muito tempo, a Nova Zelândia viveu períodos tumultuados. Rivalidades entre diferentes tribos Maoris aumentavam, em uma incessante briga por poder e terras. A população Maori encolheu bastante como resultado dessas guerras. Para evitar os interesses franceses no local, a Corte Britânica decidiu colonizar o local e convenceu os líderes Maoris a assinar um tratado que iria levar paz e prosperidade à ilha.

O Tratado de Waitangi foi celebrado em 1840. Dentre os principais termos do acordo, estava a confirmação dos Maoris como donos das terras e dos locais tradicionais de pesca. Em contrapartida, os indígenas aceitaram o novo governo colonial inglês, incluindo o direito dos cidadãos da Coroa de comprar terras

Maoris. Além disso, os indígenas reconheceram a soberania dos Reis ou Rainhas da Inglaterra e, com isso, gozariam dos mesmos direitos e privilégios dos colonizadores.

O tratado era mais amplo do que isso, mas o ponto mais importante obrigava os ingleses a comprar as terras dos Maoris, ao invés de simplesmente tomarem posse delas de forma bélica. Com relação ao comando, os chefes tribais continuaram com o comando de suas tribos e tradições. O Tratado de Waitangi continua em vigor até hoje e está em pleno funcionamento.

A Independência da Nova Zelândia foi proclamada no dia 26 de Setembro de 1907. Foi nesta data que o país se desligou do Reino Unido financeiramente, estabelecendo seu próprio governo, com bandeira e leis próprias. A Coroa Britânica apesar de ter grande influência na nação através do Governador Geral, passou a não interferir mais nas decisões internas do novo país. Não houve nenhum tipo de rebelião ou ato extremo, mas sim um estado de transição, que ocorreu naturalmente de forma tranquila e amigável.

A cultura e hábitos Maoris são ricos e bastante interessantes. São portadores de extrema espiritualidade. Tudo presente na natureza é sagrado, representa deuses, e está vivo. A Haka^{iv} é um mantra de Guerra, em que uma dança é ensaiada para afugentar o inimigo, ou informar que o grupo não está com medo dele. Numa dança coordenada e palavras cadenciadas, um grito de guerra é cantado em tom forte, convidando o inimigo para se aproximar e encarar.

O rugby foi introduzido na Nova Zelândia por Charles Monro na década de 1860. Monro havia praticado o esporte na Christ College na Inglaterra. O primeiro jogo se deu em 1870 entre o Nelson Club e o Nelson College. O primeiro jogo da seleção neozelandesa foi contra a união do sul da Austrália (que representava a seleção australiana) em 1882.

A seleção de rúgbi da Nova Zelândia, os *All Blacks*^v, é considerada um dos maiores patrimônios culturais do país. Em 7 edições da Copa do Mundo de Rugby, a seleção neozelandesa obteve o título em duas oportunidades: 1987 e 2011. A equipe é a atual líder do ranking da International Rugby Board (IRB), entidade que controla o esporte no mundo. Desde 1903, os *All Blacks* ganharam mais de 75% das partidas de rúgbi que disputaram. A seleção foi considerada, também, a equipe do ano pela IRB em 2005, 2006, 2008, 2010 e 2011. Quinze ex-jogadores dos *All Blacks* foram convidados para o Hall da Fama Internacional de Rugby.

Além dos expressivos resultados no cenário desportivo, um dos aspectos mais marcantes dos *All Blacks* é a realização da Haka antes de qualquer uma das suas partidas. A primeira vez que a equipe executou a dança típica dos Maoris, antes de um jogo internacional, foi em 1884. De lá para cá, várias versões da Haka foram utilizadas pelos jogadores neozelandeses.

Oficialmente, o ano de 1894 marca a chegada do futebol no Brasil. A História, todos conhecem, atribui ao paulista Charles Miller, o pontapé inicial do esporte no Brasil. Retornando ao país, o estudante, que morou e foi educado na Inglaterra, trouxe em sua bagagem “um livro de regras do association football, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras” (Santos Neto, 2002, p.28-29).

Nesta sua fase inicial, podemos notar no futebol brasileiro uma forte influência da aristocracia e da classe média tradicional do país na prática do esporte. A elite pré-capitalista do país, nesse período, exerce sua autoridade muito mais por convenções do que por meios racionais ou democráticos. A influência inglesa, na sociedade brasileira, e por extensão, no futebol, é a característica principal desta etapa do futebol no Brasil. Este período, que se iniciou com Charles Miller, em 1894, vai durar até 1933, quando finalmente é criada a profissão de jogador de futebol em nosso país.

A expansão do futebol moderno que atingiu a todos os continentes, e também ao Brasil, aconteceu pela mão de europeus, geralmente ingleses, que residiam nas mais diversas regiões do mundo e, muitas vezes, como no caso brasileiro, por seus descendentes.

Analisando a esses introdutores do esporte em todo o mundo, o historiador José Renato Campos de Araújo afirma que

(...) não podem ser considerados imigrantes, pois estavam presentes nas mais diferentes regiões por razões diversas. Eram indivíduos geralmente ligados à administração das primeiras empresas multinacionais do mundo, na maioria inglesas. Eram, portanto, burocratas que estavam espalhados pelo mundo com a função de cuidar dos interesses econômicos de empresas que mantinham suas matrizes na Europa. (...) Essas pessoas conservavam estreitas relações com seus países de origem, mantendo um contato intenso com o continente europeu. (...) Esse contato fez com que muitos costumes e modos de vida europeus se espalhassem pelas mais diversas regiões do mundo, em especial quando analisamos o caso latinoamericano (Araújo, 2000:51-52).

Grande parte desses indivíduos começou a freqüentar, como nos relata John Mills , os chamados clubes de colônia que surgiram na cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX. O próprio Charles Miller, junto com os demais membros da colônia britânica, passou a se encontrar no São Paulo Athletic Club (SPAC), fundado em 1888, onde inicialmente jogou o críquete, esporte oficial da coroa britânica.

Além dos times dos ingleses, outras equipes, ligada à elite paulistana da época, começaram a surgir na cidade de São Paulo.

A Associação Atlética Mackenzie, fundada em 18 de agosto de 1898, dentro do Colégio Mackenzie, em São Paulo, foi o primeiro time da elite para os jovens brasileiros. (...) O Sport Club Internacional foi fundado em 19 de agosto de 1899, na residência da família Vila Real, e reunia em sua primeira diretoria membros da elite brasileira e estrangeiros. (...) Em sete de setembro de 1899, o alemão Hans Nobiling e os irmãos Wahmshaffe (...) fundaram o Sport Club Germania, em homenagem ao time homônimo de Hamburgo. Hans Nobiling havia jogado na Alemanha antes de vir para São Paulo, e teve aqui um importante papel de organizador do futebol entre os membros da elite alemã. (...) O Clube Atlético Paulistano foi fundado em 29 de dezembro de 1900, tendo nascido em uma reunião na Rotisserie Sportsman. O primeiro presidente foi Bento Pereira Bueno, homem considerado o mais elegante da capital paulista (Ibidem : 39-41).

A formação dos primeiros clubes destinados à prática do futebol, na capital paulista, demonstra uma confluência de interesses entre os estrangeiros envolvidos nesse processo, basicamente ingleses e alemães, e a emergente elite paulistana que se constituía à época. “Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol” (Caldas, 1990: 24).

Diferentemente dos italianos, portugueses e espanhóis, entre outros; os ingleses e alemães que vieram para o Brasil, na passagem do século XIX para o século XX, não pretendiam se estabelecer no país. Não eram, como bem explica José Renato de Campos Araújo (2000, p.52-53) , “verdadeiros imigrantes, uma vez que vinham para o Brasil com data marcada para voltar”. Assim, representavam os ingleses e alemães, para a elite brasileira, todo o progresso existente na Europa. Sem contar o fato de que, muitas vezes, eram funcionários de empresas que injetavam recursos financeiros no país.

Em uma sociedade, como a brasileira, onde o trabalho escravo havia sido abolido recentemente (1888), o regime republicano (1889) também era novidade, a imigração era estimulada como uma nova forma de trabalho livre, em substituição à mão-de-obra escrava. Os imigrantes que aqui chegaram eram, em sua maioria, italianos, portugueses e espanhóis, que para o Brasil vinham para fixar residência, exercendo atividades menos valorizadas e reconhecidas.

Com o crescente interesse dos jovens oriundos da classe operária e das camadas mais pobres da população paulistana, o futebol, fora dos clubes criados pela elite, começou a se desenvolver, especialmente na área onde hoje se localiza o Parque Dom Pedro II, região central de São Paulo. Ali, no início do século XX, surgiu um grande número de clubes populares, que disputavam suas partidas na região conhecida como Várzea do Carmo. É por essa razão que, até hoje, todas as equipes que participam de competições de caráter amador, ou não oficial, são denominadas varzeanas, ou praticantes do futebol de várzea.

Muitos desses clubes foram fundados por imigrantes. Longe de suas raízes, esses indivíduos procuravam criar, no novo espaço urbano que passaram a habitar, um local de convivência comunitária onde poderiam,

com outros integrantes do grupo, compartilhar experiências. Oliven e Damo (2001:79) explicam os motivos que levaram ao surgimento dessas associações.

Sería muy interesante reconstruir detalladamente el proceso de popularización del fútbol en América Latina, ya que verdaderamente existen muchos aspectos en común entre los distintos países. Uno de ellos es el papel desempeñado por los inmigrantes – europeos en general e ingleses en particular – y otro es la incorporación no tanto de las reglas de juego sino más bien de un patrón de sociabilidad constituida por la libre asociación. La asociación de individuos de similar status e intereses compartidos es hoy en día algo trivial, pero no era a fines del siglo XIX en Europa, y mucho menos en América. Se trataba de una novedad y también de una necesidad, en la medida en que los antiguos criterios para demarcar las fronteras de clase, status y pertenencia se volvían ineficaces.

A semente da popularidade futebolística brotou prodigiosamente. O exemplo dos estudantes e moços ricos do Mackenzie, Paulistano, etc., não deixou indiferente os rapazes operários dos bairros pobres. Daí surgirem pequenos clubes em pouco tempo. Além dos operários e desocupados, o futebol varzeano era praticado, também, por imigrantes de diversas nacionalidades que fixaram residência na cidade de São Paulo:

Do outro lado da ‘pirâmide futebolístico-social’ estavam os times ‘populares’. Eram formados principalmente por jovens trabalhadores italianos, alemães e portugueses, que vinham chegando à cidade desde a transição da escravatura para o trabalho livre, ainda no Império, e que agora estavam disseminados no campo, nas indústrias e na expansão das ferrovias. (...) Mas também havia times formados por mulatos e negros sem trabalho formal. (...) A colônia portuguesa (...) formou o Cinco de Outubro Futebol Clube, os operários da Fábrica de Tecidos de Juta fundaram o Juta Belém Futebol Clube, a colônia espanhola fundou o Flor do Belém Futebol Clube, e só a colônia italiana foi a responsável pela fundação de mais de oito times de futebol no Belém, entre eles o Clementino Futebol Clube e o União Belém Futebol Clube (Santos Neto, 2002:48-52).

A descoberta do futebol pela classe operária foi o ponto de partida para que o esporte começasse a se popularizar na capital paulistana.

Com a profissionalização, ocorrida na década de 1930, o futebol pode se popularizar no país. Ser atleta de futebol passou a ser uma opção de vida para as camadas mais baixas da população e aumentou o interesse do público pelo esporte. Para ajudar a expansão do futebol no Brasil, a Seleção Brasileira passou a obter, no cenário internacional do esporte, enorme destaque.

É, com certeza, o time mais bem-sucedido de futebol na história das Copas do Mundo, sendo a seleção nacional que mais vezes conquistou a competição (1958, 1962, 1970, 1994, 2002). Além disso, sua forma de atuar, privilegiando o chamado “futebol-arte” e a habilidade de seus jogadores na prática do esporte, consagrou o Brasil como o “país do futebol”.

4. Considerações finais

Como mencionado no início do nosso trabalho, este artigo marca o início de um processo de investigação, através do qual pretendemos estudar as relações existentes entre a cultura de uma determinada sociedade, comunidade ou grupo social, e a prática esportiva. É nossa hipótese, que pretendemos comprovar, que fatores culturais interferem no desempenho esportivo e no sucesso de uma modalidade em um determinado país.

Em razão disso, o sucesso da Nova Zelândia no rúgbi e do Brasil no futebol chamaram a nossa atenção e serviram de inspiração inicial para o nosso projeto.

Como demonstramos no artigo, tanto o futebol quanto o rúgbi, na forma moderna que os conhecemos, tiveram sua origem na Inglaterra pós-Revolução Industrial. Nasceram da necessidade de normatização da prática esportiva e como elemento cultural importante para as populações que passaram a se concentrar em torno das cidades que começavam a se urbanizar e industrializar.

Em sua expansão, através dos ingleses, para o resto do mundo, foram absorvidos de formas diferentes pelas comunidades locais. A maior ou menor aceitação de uma modalidade foi fruto, em nosso entendimento, de peculiaridades das culturais locais que começavam a se formar.

A prática do rúgbi, de origem inglesa, encontrou fortes elementos de aproximação com a cultura neozelandesa, fortemente influenciada pela agressividade da cultura Maori. Afinal, o rúgbi tem sua prática vinculada claramente ao ganho territorial, ao contato físico e à força. Já no Brasil, o futebol, esporte mais “leve”, com menos contato físico e que demanda mais habilidade; encontrou terreno fértil para prosperar em razão da diversidade cultural existente no país, fruto da combinação de imigrantes de várias partes do mundo.

Para Spiro (1998, p.206.), “*uma aquisição cultural começa na infância e as crianças adquirem a cultura a partir das pessoas que são seus outros significados, isto é, pessoas – vulgarmente pais ou quem faça o papel – com quem elas possuem um forte envolvimento emocional, quer positivo, quer negativo*”. Logo cedo, a partir da infância, o rúgbi passa a ter significado para os neozelandeses e o futebol para os brasileiros.

Isso confirma a tese de Eliot (1988, p.33), proposta no início do trabalho, de que “*a cultura do individuo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe*”.

Para finalizar este artigo, acenando para a continuação desta investigação, fico com uma frase de Roland Barthes (2009, p.103) que retrata, com brilhantismo, o que estamos tentando comprovar. “*O que é um esporte nacional? É um esporte que brota da própria matéria de uma nação, isto é, de seu solo e de seu clima*”.

Referências

- Araújo, José Renato Campo de. *Imigração e futebol – o caso Palestra Itália*. São Paulo : Sumaré, 2000.
- Barthes, Roland. *O que é o esporte?* In: Revista Serrote, número 3. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 96-105, novembro de 2009.
- Bourdieu, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro : Marco Zero, p. 136-153, 1983.
- Caillois, Roger. *Los juegos y los hombres – la máscara y el vértigo*. Cidade do México : Fondo de cultura economica, 1994.
- Caldas, Waldenyr. *O pontapé inicial*. São Paulo : IBRASA, 1990.
- E-COMMERCEBRASIL.ORG. *Faturamento online encerra em R\$ 8,2 bilhões em 2008*. Disponível em: <<http://www.e-commercebrasil.org>>. Acesso em 26 jan 2009.
- Dunning, Eric; Elias, Norbert. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Cidade do México : Fondo de cultura economica, 1995.
- Eliot, t.s. *Notas para uma Definição de Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- Giulianotti, Richard. *Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- Hobsbawn, Eric; Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- Huizinga, Johan. *Homo ludens – o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- Oliven, Ruben; Damo, Arlei. *Fútbol y cultura*. Buenos Aires : Norma, 2001.
- Santos Neto, José Moraes dos. *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- Sevcenko, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. In: Revista USP – Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, jun.-ago., 1994.
- Spiro, Melford E. *Algumas reflexões sobre o Determinismo e o Relativismo Culturais com especial referência à emoção e à razão*. In: Revista Educação, Sociedade & Culturas, CIIE/Edições Afrontamento, número 9, p. 197-230, 1998.
- Wahl, Alfred. *Historia del fútbol, del juego al deporte*. Buenos Aires ; Ediciones B., 1997.

ⁱ O hurling era disputado por duas equipes. O objetivo de cada uma delas era, através da corrida desenfreada por vales e montes, atravessando rios e evitando os atletas adversários, depositar uma bola por entre as traves do conjunto contrário.

ⁱⁱ O quico del calcio, jogado em Bologna e Florença, na Itália Renascentista, era disputado com o pé, em espaços reduzidos e bem delimitados. É, na opinião de Alfred Wahl (1997:12), um dos precursores da prática moderna do futebol.

ⁱⁱⁱ Os Maoris eram canibais.

^{iv} A Haka diz algo que pode ser interpretada mais ou menos assim: "Venha para mim, olhe nos meus olhos, estou te esperando, não estou com medo de você". Expressões faciais, caretas, mostra de força dos músculos e movimentos com os braços, culminam com um passo a frente, com postura de quem está prestes a arremessar uma lança, e distende-se a língua completamente para fora de forma ameaçadora. Uns dizem que o significado da língua para fora é só para amedrontar, outros dizem que era um convite para o jantar, no qual o inimigo seria o prato principal.

^v A seleção neozelandesa de rúgbi é chamada assim em razão de utilizar, nas partidas que disputa, uniforme totalmente preto.